

ESSA COISA DE GUARDAR... HOMENS DE LETRAS E ACERVOS PESSOAIS¹

Maria Teresa Santos Cunha

Resumo

Por meio do estudo dos acervos pessoais dos intelectuais catarinenses José Arthur e Lucas Alexandre Boiteux - cartas, fotografias, bilhetes, recortes de jornais, escritos autobiográficos – preservados pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pretende-se discutir as artes de guardar que nos conduzem a um determinado conhecimento do universo das elites da cidade de Florianópolis, nos três primeiros decênios do século XX. Este acervo que guarda o vivido e o escrito constitui-se em um suporte de memória e permite discutir e analisar a importância da preservação destes documentos para as investigações em História da Educação.

Palavras-chave: História da Educação; Acervos Pessoais; Memória.

THIS THING OF KEEPING... MAN OF WORDS AND PERSONAL FILES

Abstract

Through the study of the personal files of the catarinenses' intellectuals José Arthur and Lucas Alexandre Boiteux – letters, photographs, notes, clippings of periodicals, autobiographical writings – preserved by the Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, it is intended to discuss the arts of keeping that lead us to a certain knowledge of the universe of the elites in the city of Florianópolis in the three first decades of the 20th century. These personal files that keep the life, the views and the writings, consist in a memory support and function as a purpose of discussing the importance of preserving and analyzing these files in Education History research.

Keywords: History of the Education; Personal Files; Memory.

¹ Texto apresentado em Mesa Redonda sobre Acervos Pessoais no 13º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, em setembro de 2007.

ESA COSA DE GUARDAR... HOMBRES DE LETRAS Y ARCHIVOS PERSONALES

Resumen

Por el estudio de los archivos personales de los intelectuales José Arthur y Lucas Alexandre Boiteux – cartas, fotografías, notas, recortes de periódicos, escrituras autobiográficas - preservados por el Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, se intenta discutir las artes de mantener que nos conducen a un cierto conocimiento del universo de las elites en la ciudad de Florianópolis en las tres primeras décadas del siglo XX. Estos archivos personales que guardan la vida, las opiniones y las escrituras, consisten en una ayuda y tienen una función de garantizar la memoria como propósito para discutir la importancia de preservar y de analizar estos archivos en la investigación de la Historia de la Educación.

Palabras-clave: Historia de la Educación; Archivos Personales; Memoria.

CELA DE GARDER... DES HOMMES DE LETTRES ET DES ARCHIVES PERSONELLES

Résumé

À travers l'étude des archives personnelles des intellectuels José Arthur et Lucas Alexandre Boiteux – des lettres, des photos, des billets, des découpures de journaux, des écrits autobiographiques – préservés par l'Institut historique et Géographique de Santa Catarina, on prétend discuter les arts de garder qui nous conduisent à une certaine connaissance de l'univers des élites de la ville de Florianópolis, aux trois premières décennies du siècle XX. Cette archive qui garde le vécu et l'écrit consiste dans un support de mémoire et permet discuter et analyser l'importance de la préservation de ces documents-là pour les investigations dans l'Histoire de l'Éducation.

Mots-clés: Histoire de l'éducation; Archives Personnelles; Mémoire.

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). (Beatriz Sarlo, 2007)

A frase que inicia o último livro da ensaísta e crítica literária argentina Beatriz Sarlo nos incita a pensar na dificuldade de entendimento entre estas perspectivas sobre o passado e, muito especialmente entre história e memória e a concordar com as afirmações da autora para quem há sempre *algo inabordável no passado*, já que ele é um *advento, uma captura do presente e nem sempre um momento libertador da lembrança* (SARLO, 2007, p.9). Mesmo ciente dessa dificuldade, o historiador vive acometido da ânsia de *guardar passado e criar memórias* e pode-se dizer que nunca, como hoje, a memória foi um tema tão espetacularmente social. Vivemos uma febre preservacionista que tudo transforma em relíquia onde a tônica é a celebração do passado e mesmo a aceleração do tempo - que parece exigir a dissolução do passado - tem, paradoxalmente, feito nascer novos museus, romances históricos, filmes que revisitam outros tempos, publicações de testemunhos, autobiografias, relatos identitários, um verdadeiro dever de memória está instaurado². Mesmo considerando que sob o rótulo de memória cabe muita coisa, parece consensual, aos estudiosos, que ela só pode ser exercida em *plenitude relativa, incompletudes, recriações e até impedimentos* (FERREIRA, 2004, p.66).

Todo este movimento coloca em evidência que há nas pessoas um desejo de guardar objetos e de guardar-se em “papel”

² Além da expressiva quantidade de biografias e autobiografias lançadas no mercado, merece registro especial a quantidade de trabalhos apresentados nos Congressos de Pesquisa Autobiográfica (CIPA) nas duas versões realizadas em Porto Alegre (RS/2004) e em Salvador (BA/2006).

(fotos, diários, cadernetas, cartas) para salvaguardar-se do esquecimento, conservar o que, quase sempre, se extravía na vertigem do tempo, daí certa compulsão pelo que se chamou de *arquivamento do eu*.

Philippe Artières (1998, p.11), ao analisar as práticas de *arquivamento do eu*, destaca a sua intenção autobiográfica, isto é, “*arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência – arquivar a própria vida é querer testemunhar, é querer destacar a exemplaridade de sua própria vida*”.

Arquivar-se, guardar e guardar-se constitui uma prática bastante comum entre os chamados *homens de letras*, aqui caracterizados como indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes (CHARTIER, 1996, p.160) o que parece levar a hábitos de preservação de documentos, de papéis diversos que se substantivam na constituição de acervos pessoais.

Guardar foi um verbo, uma ação, intensamente presente na vida dos irmãos Boiteux³, em Florianópolis dos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX e foi *essa coisa de guardar* que dá ao historiador de hoje as condições para reconfigurar o passado. Para eles guardar não significou esconder. Guardar consistiu em proteger documentos e papéis avulsos da corrosão temporal para melhor partilhar; de preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo. Papéis escritos tidos como *ordinários* tais como cartas, diários, autobiografias, dedicatórias, cadernos de

³ Os irmãos José Arthur Boiteux (1865-1934) e Lucas Alexandre Boiteux (1880-1966) foram intelectuais de projeção em Santa Catarina na virada do século XIX para o XX. José foi fundador de instituições como a Faculdade de Direito, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras. Lucas foi Almirante da Marinha e escreveu muitas obras sobre a História de Santa Catarina. Os acervos pessoais dos dois irmãos encontram-se sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

receitas, cartões de felicitações, cartões postais, fotografias antigas com dedicatórias afetuosas até então escondidos dentro de gavetas, armários e caixinhas, “tornam-se presentes como uma voz que nos interpela” (FELGUEIRAS e SOARES, 2004, p.110) e constituem uma história de vida, pois são, uma extensão dos seus titulares. Eles permitem reconhecer os modos de vida das novas elites republicanas em Santa Catarina nos inícios do século XX e seus processos para a construção da representação mais legítima de sua posição bem como suas redes de sociabilidade que visam assegurar a manutenção de seu poder (ABREU, 1996, p.19).

Sobre o Acervo Boiteux: O que se guarda... como se guarda...

Para iniciar a discussão deste vasto material parece importante pontuar algumas conceituações que envolvem as terminologias mais recentes da área. Segundo estudos da historiadora Janice GONÇALVES (2006), a palavra acervo designa um conjunto de bens e, neste sentido, está próxima do sentido geral da palavra "patrimônio". Acervo costuma designar um conjunto de documentos, peças ou obras reunidas e abrigadas (custodiadas) por instituições como museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação, ou ainda existentes em coleções particulares.

Há dois tipos de acervo: 1) aqueles reunidos em função da vontade exclusiva de quem os reúne (quem reúne escolhe o que reunir, conservando e descartando o que bem entender segundo sua vontade, apenas); 2) os reunidos em função das diversas atividades realizadas por quem os reúne (pesando aí tanto a vontade/escolha como a obrigação de reunir e guardar). O acervo reunido pela exclusiva vontade de quem o reúne é chamado de coleção. Os materiais que compõem uma coleção podem ser os mais variados possíveis, ter as mais variadas procedências, cobrir diferentes temas, mas todas as coleções têm em comum seguir a

lógica da "vontade de colecionar" do colecionador. Assim, a organização de uma coleção costuma obedecer a essa lógica; em geral, espelha uma dada preocupação, uma "mania", uma "obsessão" ou um "hobby".

O acervo reunido por uma pessoa ou uma instituição, em decorrência das atividades realizadas no decorrer de sua existência, é chamado de "arquivo" (ou "fundo"). O arquivo é, em geral, composto por documentos produzidos em função de necessidades cotidianas e afazeres habituais, e não necessariamente escolhemos produzi-los ou controlamos sua produção. Ex: contas de luz, cartões postais enviados por amigos, extratos bancários mensais etc. Diferentemente da coleção, o arquivo registra e espelha a história da entidade (da pessoa física ou jurídica) que o reuniu. No linguajar coloquial arquivo também pode designar uma instituição custodiadora de documentos (daí as freqüentes confusões).

Um acervo pessoal ou institucional (como conjunto de documentos reunidos por uma pessoa ou instituição) pode ser formado pelo arquivo da pessoa ou instituição e por várias coleções. Em princípio, a palavra "acervo" tem uma abrangência maior (e, por conseqüência, também uma precisão menor quanto ao que designa...). Um arquivo como conjunto documental pode eventualmente ter traços de outro acervo (por exemplo, em um arquivo pessoal, documentos de identificação do avô, do bisavô, que não foram, obviamente, reunidos pelo titular do arquivo em função de suas atividades cotidianas). Dessa forma, é possível considerar os documentos da família Boiteux, aqui em destaque, como um acervo pessoal sob a salvaguarda do arquivo institucional conhecido como Instituto Histórico e Geográfico, embora a terminologia possa ser diferente em variadas publicações.⁴

⁴ A publicação da Revista Estudos Históricos/ FGV/ v.11, nº21/1998 utiliza a terminologia Arquivos Pessoais considerando que estes ' apresentam aspectos da vida pessoal e familiar – característica desse tipo de acervo – comprovados por inúmeros registros... (FRAIZ, P.p.60)

O acervo, alvo desse estudo, foi doado pela família Boiteux ao IHG/SC em agosto de 1989 e compõe-se de cerca de 40 000 documentos, dos quais foram catalogados e organizados cerca de 33 400 pela Professora Eliana Maria dos Santos Bahia.⁵, conforme quadro abaixo:

TIPOLOGIA DOCUMENTAL	QUANTIDADE
Documentação Pessoal	1002 peças
Série Correspondência	5341 peças
Produção Intelectual	1232 peças
Série Jurídico-Administrativa	1009 peças
Série Política	2000 peças
Recortes de Jornais	10735 peças
Fotografias/ Postais	12000 peças
TOTAL APROXIMADO	33319 PEÇAS

Fonte: BAHIA, Eliana M.dos Santos (1994)

Entre os mesmos encontram-se cartas, recibos, atestados, certidões, produções intelectuais do autor e de seus contemporâneos, recortes de jornais, folhetos, mapas eleitorais, fotografias e uma coleção de cartões postais sobre Florianópolis no período que compreende desde fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Merece destaque o acervo de imagens composto de cerca de 12.000 fotos em preto e branco contendo cenas da cidade, incluindo 200 cartões postais recebidos e colecionados que já mereceram estudo através de um Projeto de Pesquisa⁶.

⁵ Dados sobre esta organização e catalogação encontram-se em BAHIA, Eliana Maria dos Santos. “Perfil de José Arthur Boiteux: Um construtor da cultura catarinense”. Dissertação de Mestrado. História. Universidade Federal de Santa Catarina. 1994.

⁶ CD Rom “Imagens de um Presente. História e Memória de Florianópolis na passagem do século XIX ao XX a através do acervo iconográfico de José Arthur Boiteux preservado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Disponível, também, em www.imagensdeumpresente.udesc.br

O acervo evidencia as práticas de colecionismo relativas à constituição de sujeitos protagonistas de enredos políticos e culturais próprios de uma elite letrada, testemunhas privilegiadas de acontecimentos validados e consubstancializados pela construção de um acervo privado onde a tônica parece ter sido a necessidade de construção de homens públicos modelares.

Os documentos desse acervo privado guardam histórias individuais e familiares, trazem marcas da escolarização de seus titulares e permitem pensar distintas interpretações. Materializados em papel, lápis e tinta, a grande maioria desses documentos apresenta-se enriquecida com anotações pessoais que permitem variadas leituras, notadamente no âmbito dos estudos e pesquisas para a História da Educação. Ao enfrentar a passagem do tempo podem emergir como re-conhecimento, como possibilidade de não-esquecimento, como “lugar de memória”. Dentre eles, encontram-se também os múltiplos documentos produzidos pelos autores como escritos autobiográficos que remontam aos tempos escolares de seus possuidores. A tarefa do historiador, aqui, consiste em problematizar estas fontes através de um ato significativo de interpretação *o de quem a preserva para o futuro, tanto quanto o de quem a recupera para o presente* (BORDINI, 2003, p.139) para descobrir outros mundos possíveis e dele extrair um universo mental e material das elites.

José Arthur e Lucas Alexandre Boiteux: Homens de Letras

Em seu aspecto geral, a singularidade dos homens públicos da Primeira República estava ligada a sua condição letrada – eram *homens de letras*, condição esta que representava um importante bem simbólico cujo capital social muitas vezes ultrapassava seu capital financeiro. As *letras* - representadas pelos livros e por objetos que denotavam a posse da cultura escrita - eram importantes bens simbólicos da elite e ocupavam lugar

privilegiado no interior das residências, nas estantes, nos gabinetes de trabalho, muitas vezes protegidos a chave nos armários de portinholas envidraçadas.

Neste trabalho as *letras* da família Boiteux (especialmente dos irmãos José e Lucas) estão presentes nas velhas prateleiras e gavetas do Instituto Histórico e Geográfico e deram o mote para a discussão de seus acervos pessoais.

Nesta abordagem, muito especialmente, centrou-se o olhar sobre anotações dos tempos escolares vividos por Lucas Boiteux na Escola Naval (Ilha das Cobres/RJ) para evidenciar a importância dos acervos pessoais para uma análise historiográfica. Estas memórias foram diligentemente registradas em cadernos escolares, mas também publicadas, posteriormente, no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, entre janeiro e julho de 1955, sob o título *Bordejós sobre meio século de Marinha*⁷. Tal expediente parece corroborar a idéia de construção do homem público (as informações muito íntimas não aparecem) para si mesmo, para sua família e para o Museu que, agora, abriga seu acervo.

Segundo uma historiografia política bastante conhecida em âmbito estadual e local, José Arthur Boiteux, (1865-1934), era o irmão do meio de outros dois nomes que se tornaram conhecidos nos circuitos intelectuais e políticos estaduais. Sendo os três descendentes de franco-suíços e filhos de comerciantes, o mais velho, Henrique (1863-1947) destacou-se em inúmeras pesquisas e publicações, seguindo carreira naval, assim como o mais novo, Lucas Alexandre, (1880-1966), chegou a almirante. Em fins do Império, depois de iniciada uma carreira no Exército e abandonado um curso de medicina no Rio de Janeiro, José Arthur destacou-se como militante republicano, vindo por esta via iniciar sua vida política como oficial de gabinete de Lauro Müller,

⁷ A obra historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux, publicada no *Jornal do Comércio* foi levantada por CUNHA, M.T.S. "A produção historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* - 1911-1959". Dissertação de Mestrado em História. UFSC, 1982.

prossequindo na carreira política e ocupando cargos administrativos. Como homens públicos, pertencentes a elite catarinense e voltado para *as letras*, coletaram, selecionaram e guardaram os registros de um tempo.

Nas inúmeras pastas que compõem o acervo é possível verificar como, ao longo do tempo, as formas de registrar o acontecer político, cultural e cotidiano sofreu mudanças evidenciando que não só os conteúdos, mas também a distribuição do tempo e as metodologias de registro foram alteradas. Os suportes e utensílios da escrita se modificaram. Os mais antigos são detalhados, manuscritos e em cadernos grampeados e pautados. Os mais recentes já são datilografados, numa escrita mais lacônica, com pouca descrição do que foi ou será realizado. Uma das características mais perceptíveis e negligenciadas, juntamente com o utensílio da escrita – caneta tinteiro ou lápis– é a letra quase sempre bem desenhada, cujo talhe imprimia uma particularização definitiva aos documentos. Ela foi ficando cada vez mais livre, mais inclinada, mais diferenciada uma das outras e quase não se pode reconhecer nestas letras uma marca distintiva de saber, já que “a escrita ficou mais distanciada do desenho, da caligrafia, das dimensões controladas do corpo, mas identificada, sim, com uma legibilidade entendida em termos comunicacionais” (OSSANNA, 2002, p.226).

Ao inventariar os documentos preservados neste acervo pessoal foi possível refletir sobre outros significados dos papéis escritos/guardados que passam do espaço privado para a visibilidade pública. Ao iluminar esses papéis ‘ordinários’ pode-se pensar na importância de uma *memória de papel* para o reconhecimento de diferentes práticas, costumes, rituais, ações e sociabilidades como ponto de partida para reinventar outros presentes, como lembra o historiador português Rogério Fernandes:

O papel é o suporte mais vocacionado para conservar o registro de momentos fugidios nas nossas vidas ou nas vidas dos outros. Aí temos dispersos pelas gavetas

materiais dispares que são outras tantas histórias de vida revertidas ao contexto profissional: as velhas agendas cujos anos chegaram ao fim, nas quais foram marcados encontros, conferências a ouvir ou a proferir, projetos, concursos, moradas de novas escolas (...) mais laboriosos e mais ricos, os diários de aula, as memórias dos tempos letivos, as planificações letivas, os nossos trabalhos (...) são uma imagem baça do tumulto ou, pelo contrário, da pacatez daquilo que outrora foi vivo e atual (2005, p.25).

Retornando aos estudos de ARTIÉRES (1998), arquiva-se para ter a identidade reconhecida, controlar a vida, recordar e retirar lições do passado, preparar o futuro e inscrever a existência: *Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo* (1998, p. 31). Guardar documentos de si mesmo, como assinalou RIBEIRO (1998, p.35), revela o desejo de perpetuar-se, mas, sobretudo, responde ao desejo de forjar uma glória. Assim, os arquivos pessoais, encerram a intenção do titular de ser reconhecido pela posteridade por uma *identidade digna de nota* e, ao que as evidências apontam, os irmãos Boiteux foram exímios arquivistas, tanto de si como dos outros e da cidade. Seus guardados são legados que permitem entrever o mundo em que se moviam as primeiras elites da República que, em sua maioria, *traçaram o risco de nossas vidas* (ABREU, 1996, p. 45) Todavia, antes de prosseguir, é preciso reconhecer o fato de que a paciência e cuidado na montagem de um acervo documental caracteriza-se num fenômeno raro e excepcional no conjunto de nossas práticas culturais, sendo mais incomum ainda o fato de que os legatários deste acervo também o preservaram, chegando a doá-lo para um arquivo de natureza pública.

Uma intervenção no acervo de Lucas: Apontamentos para uma História da Educação

Presentes no acervo em cadernos de rascunho, a série de escritos *Bordejos sobre meio século de Marinha* era sempre publicada por Lucas Alexandre Boiteux, às quintas-feiras no “Jornal do Comércio do Rio de Janeiro”, em uma periodicidade que variava de duas a três semanas, entre janeiro e junho de 1955.⁸

O substantivo que dá título às memórias de Lucas Alexandre Boiteux está vinculado à sua condição de homem do mar. *Bordejar* significa navegar mudando com frequência o rumo, segundo a direção do vento, assim, navega-se em *zigzague*, *cambaleante*. A escolha deste termo - marítimo, por excelência - sinaliza um teor aos escritos. Pode-se considerar que as memórias que ele pretende contar não obedecerão, necessariamente, uma direção fixa, elas poderão *vagar*; não há um compromisso em seguir uma direção cronológica precisa, o objetivo parece ser narrar o vivido.

Alunos e Professores: Descrições guardadas

A educação militar era uma tradição na família Boiteux, cujos filhos frequentaram a Escola Naval. Os filhos de Lucas, por exemplo, foram batizados com nomes que homenageavam grandes figuras militares/navais (Nelson, Yan, Bayard) e dois deles também seguiram carreira militar. O próprio Lucas mereceu o epíteto de *historiador naval* e escreveu livros e artigos sobre a participação de Santa Catarina em guerras, com descrições detalhadas das estratégias militares empregadas. Estas características reverberaram em seus *Bordejos*.

⁸ Ver, CUNHA, M.T.S. “A contribuição historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro entre 1911 a 1959”. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. UFSC. 1982.

Homem do mar, viajante, seus textos quer os de caráter histórico, quer os de caráter literário estão sempre com os *olhos para o mar*. Ele escreve como se estivesse posicionado em mirantes, colinas, varandas, faróis, tendo como horizonte de perspectiva, o mar. Sua linguagem, não raras vezes, utiliza-se de metáforas “marítimas”, tais como: dias *anuviados*, noites de *proa*, amigos de *leme*, *horizontes* políticos. Emblemática, a frase que inicia suas memórias e anteriormente já transcrita:

Rompera anuviado o ano de 1897, que seria de provação da turma (...) (JC 16/01/1955)

Sobre seus colegas, alunos da Escola Naval, as referências, quase sempre elogiosas, são abundantes e privilegiam tanto o aspecto físico como os relacionados ao caráter. Nomeados, muitos, como amigos que perdurarão na vida adulta, compartilhavam de valores positivos (mérito, sinceridade, lealdade) que criavam um sentido para a conservação dos laços de amizade duradoura.

O Rego Meireles era pequenino, mas bem constituído. Ignácio Amaral destacava-se pela altura avantajada, inteligência vasta, alma boníssima (...). Pela adiposidade impressionava o Armando de Figueiredo que recebeu o apelido de ‘Gordo’ que aceitou de bom grado, tinha medo extremo de micróbios e por isso andava sempre a desinfetar-se (...). O Souza Imenez, devido o enrolamento da língua - mistura de português e castelhano - servia de chacota aos veteranos que lhe haviam magoado certa parte delicada do corpo. Esguio e muito enxuto de carnes era o Apio Couto, fala descansada, olhar malicioso. (...) O paulista F. Junqueira de Oliveira foi alcunhado de ‘Devasso’ pelas gargalhadas que dava. Nesse tempo os apelidos/alcunhas eram muito comuns na Marinha, muitas permaneceram (...). O Fonseca e Almeida, forte, estouvado, intemperante, mas alma boa, leal e dedicado. (...) Feios, feios... juro – não havia na turma de 1897. (JC 30/01/1955)

A rememoração dos professores e instrutores também segue a mesma lógica descritiva utilizada para descrever os alunos e se detém muito mais nas características físicas dos descritos do que nas suas atividades docentes. A separação nas categorias de professor e instrutor não explicitada nos *Bordejós* parece explicar-se pelo grau de praticidade das disciplinas, qual seja, as mais teóricas eram de competência de professores e as mais técnicas eram dadas pelos instrutores. Assim, aparecem as lembranças:

O 1º Tenente Tancredo Burlamaqui de Moura, homem alto, reforçado, trigueiro, de olhos e cabelos pretos, bigode ralo, com maus dentes. Era instrutor de Navegação Estimada, trapalhão de marca, faroleiro completo. (...) Em o Curso prévio ministravam seu confuso saber os professores: A matemática estava entregue ao Cap. Tenente João José Luz Viana; suas lições eram fatigantes. (...) Leciona francês prático o Cap. Tenente Eugênio Guimarães Rebelo, que nos caceteava com suas insossas preleções. (...) Pedro Alexandrino Ribeiro era professor de desenho, baixote, gordo (...). Era instrutor de infantaria e esgrima de baioneta o 1º Tenente Antônio Espigão Fernandes, magrinho, espigado que conhecia bem as manobras de infantaria. Mestre de esgrima e florete era o português naturalizado Tenente Manuel Gonçalves Correa, a sua hora de lição era toda um espetáculo de alegria. (...) O mestre de ginástica e natação era um italiano naturalizado. Figura simpática de atleta. (JC 13/02/1955).

As descrições dos conteúdos ministrados pelos professores evidenciam a predominância de aulas e disciplinas de cunho técnico, possivelmente de imediata aplicação à vida naval e condizente ao propósito técnico-profissional que se esperava desta Instituição de Ensino que não era mesmo uma escola em termos genéricos, mas uma escola profissionalizante com características específicas. Entretanto, ao contrário do que se anuncia, o ensino ministrado na Escola Naval oferecia poucas atividades práticas, é

bacharelesco e isso é motivo de rememoração e crítica nos *Bordejos*.

Afora os bordejos a vela nos brigues e patachos disponíveis, nenhum outro exercício de índole marinheira se efetuava. O lançamento de torpedos, o fundeio de minas e o tiro de artilharia jamais se realizavam... (...) Também o ensino da navegação, da topografia, de geodésia e das máquinas ministrava-se apenas nas salas de aula, sem a correspondente aplicação no terreno prático. (JC 3/02/1955)

As memórias oferecem novas e interessantes possibilidades para iluminar aspectos da cultura escolar em que foram socializados futuros militares. As descrições podem funcionar como facilitadores para a problematização de valores, crenças e visões de mundos singulares que contribuíam para a formação escolar de um dado perfil profissional. Ao mesmo tempo, tais relatos alimentam nosso empenho de continuar localizando, reunindo e selecionando documentos que nos ajudem a iluminar aspectos da educação escolarizada no Brasil e, assim, buscar novas e outras indagações sobre a vida, a escola, a vida na escola e a escola em nossas vidas. (MIGNOT, 2002).

Um rito de iniciação: O trote aos calouros

A prática do trote aos calouros merece destaque do autor e há relatos minuciosos sobre a forma que os alunos mais velhos submetiam os mais novos a *sevícias, rasteiras, incivilidades, remoques chulos, bruteza sádica, ofensas, humilhações*; além de ser considerado como prática *crudelíssima e desumana*. Segundo Lucas Boiteux, a primeira “surpresa” desagradável ocorreu no primeiro dia de aula, logo após o desembarque na Ilha das Enxadas e foi longamente relatada:

Ao chegarmos no alojamento, amplo salão situado à leste do edifício, a fim de armarmos nossos leitos, sofremos grande decepção: os veteranos iludindo a vigilância do

peçoal de serviço, havia dado um grande benefício em nossa bagagem, tinham desarticulado todas as camas, amontoadas ao léu nossos colchões e travesseiros e sacolejados copiosamente as antes de empilhá-las a um canto. Quando as abrimos para retirar lençóis, fronhas, toalhas e camisolões (os pijamas ainda não tinham entrado em uso) sofremos novo choque: tudo revolvido, frascos de dentífrico, da loção, de tinta derramados, roupas brancas manchadas. Verdadeiro desastre! Houve lamentos, pragas... Para quem apelar?. (JC 30/01/1955)

Dando seqüência ao relato dos primeiros dias na escola e as cerimônias de iniciação pelas quais o calouro deveria passar, continua contando o narrador:

As primeiras noites dormidas na Escola foram de verdadeiro sobressalto. Os veteranos invadiam furtiva e cautelosamente o dormitório dos calouros, cometendo toda sorte de diabruras e perversidades: viravam e trocavam as malas; destrambelhavam as camas, pintavam a cara de uns, arrebatavam as cobertas de outro, aplicavam violentas palmadas aos que dormiam. (JC 30/01/1955)

De certo modo, pode-se pensar que este tipo de *socialização* realizada pela Escola poderia ter efeitos inesperados, uma vez que o próprio narrador finaliza esta parte de suas memórias, admitindo que:

È um interessante tributo que paga a bisonhice de novato; é um processo de adaptação mais ou menos rápido ao ambiente escolar e de incorporação à turma. Revela e define índoles, modalidades de temperamento, caracteres. Torna-se quase sempre, é bem verdade, a origem das amizades, de indiferenças e também de incompatibilidades futuras, pois o trote depende sobremaneira do processo, da habilidade de aplicá-lo e também da situação no momento e do temperamento e da educação de quem o recebe. (JC 30/01/1955)

Fazendo parte de uma cultura escolar da época, o trote aos calouros criava situações de adesão e crítica e sua violência e parcialidade concorria para uma etapa essencial na socialização do aluno: sua confrontação com os pares poderia ser determinante para a futura autonomia do indivíduo, pois no limite “*a autonomia do indivíduo supunha, na verdade, a superação da própria cultura escolar*” (SOUZA, 2000, p.30).

No *Jornal do Comércio* do dia 05 de junho de 1955, Lucas Alexandre Boiteux publica o último artigo da série *Bordejos* colocando um ponto final nas suas descrições sobre a turma de Aspirantes de 1897, da Escola Naval. Há um tom melancólico em suas palavras finais, a escola habita a memória e a memória se decanta nos lugares em que vive e, para o historiador isto funciona como um ponto de partida, um despertar, uma esperança, uma possibilidade de novas leituras para inventar outros presentes.

E encerrava-se assim, para a briosa turma de Aspirantes de 1897, o áspero e penoso período de provação. Dura fora a jornada, encarada, no entanto, com coragem, constância e paciência. Nem todos, os 86 que éramos, logravam, infelizmente, a meta almejada. E pouco a pouco a turma foi se despovoando melancolicamente. Hoje, cinqüenta e oito anos volvidos, um terço ainda, rijo e forte mercê dos céus (...) alonga a vista enevoada por lágrimas esquivas, para o passado remoto pejado de sonhos e de esperanças que se esvaecem, no sol - por da vida. (JC 05/06/1955)

È possível considerar que certa nostalgia por épocas passadas se explique pelo fato de que, à distância, sempre projetem uma imagem já atualizada pelas vivências posteriores aos fatos relatados. Os *Bordejos* de Boiteux se caracterizam como uma via importante para conhecer práticas, saberes e sabores escolares e, muito especialmente, conhecer através das práticas de memória de um *homem de letras*, outras redes de sociabilidade no ambiente escolar. Com linguagem rebuscada, idílica, e certamente idealizada, - *o passado tem uma bela caixa de lápis de cor* - Lucas

deixa confirmação de sua existência, constrói uma imagem para si próprio e consciente ou inconscientemente para os outros, além de evidenciar aspectos da cultura escolar no limiar do século XX, realçando pela singularidade de sua escrita, a pluralidade de um vivido.

Desencantando...

Estes acervos que guardam o escrito do vivido, guardam igualmente a 'leitura-escritura' que os irmãos Boiteux fizeram de si próprio, constituindo-se em uma memória que pode ser decodificada através da leitura e interpretação de seus documentos, cuja análise o historiador re-atualiza, ressignificando-o e tornando-o suporte de memória.

Como práticas de escrita, por exemplo, as memórias dos tempos escolares de Lucas Alexandre Boiteux podem ser consideradas *ordinárias*, mas permanecem vivas para quem as escreveu e arquivou e para quem as consulta/utiliza, formando uma ponte entre nosso mundo limitado e o outro, infinitamente mais rico, o da história, da arte, do sagrado. Por intermédio delas a vida pode se perenizar, já que o arquivamento é um baluarte contra a imortalidade. Essa parece ser a tarefa do pesquisador: produzir sentido e vida para a vida de outrem, a partir de questões norteadas pelo seu tempo e seu espaço, sempre tendo presente a provisoriedade de sua reflexão (CURY, 1995. p.55).

Os acervos pessoais, via de regra, contêm documentos de naturezas diversas que resultam de diferentes estações da vida expressando tanto a vontade de forjar uma glória como um desejo de guardar os momentos mais significativos. Uns tratam de momentos solenes, ocasiões especiais, fatos públicos, militância política. Outros trazem os laços de afeto, o processo de construção de trajetórias, o refinamento de uma idéia ao longo de rascunhos e textos. Os documentos que permanecem nos acervos pessoais são aqueles que resistiram ao tempo, à censura de seus titulares e à

triagem das famílias. Por sua vez, o fato de tratar-se de acervos pessoais permite dimensionar o empreendimento de seus autores que, ao valorizarem certos acontecimentos e experiências, assinalaram não apenas seu desejo de imortalidade como também o desejo de preservar ações e feitos seus e seus contemporâneos, evitando tanto seu apagamento e esquecimento como remetendo para o futuro a compreensão e julgamento dos enredos, dos quais foram partícipes. Além de protelar a morte, uma vez que os documentos podem sobreviver aos seus proprietários, estes acervos pessoais acolhem com deleite o historiador, oferecendo uma espécie de certificado de presença, testemunhando e autenticando o vivido.

Veza por outra, em determinadas situações de vida, estes documentos são relidos, redistribuídos, classificados. Passam sempre por inúmeros descartes: por falta de espaço; porque não se lembra mais do seu significado; porque o papel traz lembranças dolorosas, enfim, não faltam razões para que caiam no esquecimento. Mergulhar nos papéis ‘ordinários/miúdos’ guardados permite apreender saberes, crenças, valores e práticas considerando-as como partícipes de uma “história da linguagem e da cultura escrita (...) uma história das diferentes práticas do escrito (...) capazes de gerar modos de pensar o mundo e construir realidades” (CASTILLO GÓMEZ, 2003. p. 133). O interesse pelos acervos pessoais está relacionado, em nosso tempo, ao desenvolvimento de outras perspectivas historiográficas que encontram nas artes e nas razões para guardar possibilidades diferenciadas para compreender mais os homens e as mulheres em suas histórias. São fontes encantadoras e *para o historiador, um prato cheio e quente. E acredito que, para ser degustado com o prazer que pode proporcionar, os historiadores devem se municiar dos nada novos procedimentos de crítica às fontes, guarnecidos com escolhas teóricas e metodológicas capazes de filtrar o calor, de maneira a não ter a boca queimada.* (GOMES, 1998, p.125)

Referências

ABREU, R. *A fabricação do Imortal. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. RJ: Rocco: Lapa, 1996.

ARTIÈRES, P. *Arquivar a própria vida*. Estudos Históricos. Arquivos pessoais. RJ; v.11, nº21.1998.p. 9-21.

BAHIA, E.M.S. *Perfil de José Arthur Boiteux. Um construtor da cultura catarinense*. Dissertação de Mestrado. Historia. UFSC.1994

BOITEUX, L.A. *Bordejós sobre meio século de Marinha*. Jornal do Comércio do Rio de Janeiro/ maio a setembro de 1955. (Arquivo Lucas Alexandre Boiteux/IHG/SC).

BORDINI, M.G. *Acervos sulinos: A fonte documental e o conhecimento literário*. Arquivos Literários/ organizadores Eneida Maria de Souza e Wander melo Miranda. SP: Ateliê Editorial, 2003.

CASTILLO GÓMEZ, A. *La cultura escrita en la larga duración*. EDUCAÇÃO/Unisinos São Leopoldo. vol 7,n.12, 2003, p. 129-169.

CHARTIER,R. *L'homme de lettres*. IN: VOVELLE, M. (org). L'Homme de Lumières. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

CUNHA, M.T.S. *A produção historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro – 1911- 1959*. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, 1982.

CURY, M. Z. F. *Acervos: Gênese de uma crítica*. In: MIRANDA, W. M.A trama do arquivo. Belo Horizonte: UFMG. 1995.

FELGUEIRAS, M. L. e SOARES, M. L. B. O Projeto “*Para um Museu Vivo da Escola Primária*” – *Concepção e Inventário*. In: MENEZES, M. C. (org). *Educação, Memória, História: possibilidades, leituras*. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2004. p. 105-130.

FERREIRA, J. P. *Tantas memórias – ou um difícil passeio pelos modos de pensar a memória: possibilidades, textos, atores*. RESGATE. Revista Interdisciplinar de Cultura. Campinas. Área de Publicações CMU/Unicamp, nº13, 2004. p. 65-74.

FERNANDES, R. *Cultura da escola: entre as coisas e as memórias*. In: PROPOSIÇÕES/UNICAMP. v.16, jan/abr 2005. Dossiê Cultura Escolar e Cultura Material Escolar: entre arquivos e museus. p. 19-40.

FRAIZ, P. *A Dimensão Autobiográfica dos Arquivos Pessoais: O arquivo de Gustavo Capanema*. ESTUDOS HISTÓRICOS. Arquivos pessoais. RJ; v.11, nº21.1998.p. 59-87.

GOMES, A.G. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos Arquivos privados*. ESTUDOS HISTÓRICOS. Arquivos pessoais. RJ; v.11, nº21.1998.p. 121-127.

GONÇALVES, J. *Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*. São Paulo. 2006. 444p. Tese. (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30012007-110719/>

MIGNOT, A,C,V. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ/Rede Sirius, 2003.

RIBEIRO, R. J. Memórias de si ou... In ESTUDOS HISTÓRICOS. CPDOC/FGV. 1998. p. 35-49.

SARLO, B. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. SP: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, M.C.C.C de. *Escola e Memória*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

OSSANNA, E. O. El problema de la letra en la escritura: la escuela entrerriana a comienzos del siglo XX. In: CUCUZZA, H. R. e PINEAU, P. (orgs). *Por una historia de la enseñanza de la lectura y la escritura en Argentina. Del catecismo colonial a La Razón de Mi Vida*. Buenos Aires: Miño y Ávila Editores, 2002. pp. 213-227.

Maria Teresa Santos Cunha é Doutora em Educação /História e Filosofia (USP). Professora do Departamento de História e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e de História da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC.

Universidade do Estado de Santa Catarina.
Avenida Madre Benvenuta/Campus Universitário
Itacorubi
88000-900 - Florianópolis, SC - Brasil
Telefone: (48) 32229168
E-mail: mariatsc@gmail.com

Recebido em: 12/01/2008
Aprovado em: 15/05/2008